LISBOA — QUINTA-FEIRA, 23 DE JUNHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 67 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.º

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

AS questões respeitantes ao crédito dos varios paizes são hoje das que mais monopolisam as atenções dos competentes. Os politicos estudam-nas e tratam-nas com extremado cuidado. Isto, porêm, não quere dizer que, quando se empenham na realização de qualquer emprestimo externo, só colham triunfos. O amor proprio nacional nada deve sofrer com isso. O dinheiro deve negociar-se onde seja mais abundante e barato. Tambem muito convêm não esquecer que a precipitação, em assuntos dêstes, quasi sempre causa «desastres».

***

CAUSOU impressão o artigo do sr. Ernesto Driesel Schroeter, de que ontem transcrevemos um trecho.

***

JA' há muito tempo que baixaram sensivelmente os preços do açucar e do café.

Parece que os proprietarios das Brasileiras e doutras casas congeneres ainda não tiveram conhecimento dessa baixa, aliás visivel sem necessidade de empregar lunetas.

Continuamos a pagar por dezasseis centavos uma chavenasita do liquido precioso que nos alimenta os nervos.

Não pode ser.

Daqui protestamos e protestaremos contra o inocente esquecimento dos donos de cafés, que para os ganhos fabulosos que auferem muito contam tambem com a indiferença e o esquecimento dos frequentadores dos seus estabelecimentos.

***

O MANIFESTO que o governo acaba de dirigir ao paiz rompe assim funebre: — «Critica é a hora que se vive».

Como o governo espera extrair das eleições a maioria que o habilite a empreender uma obra salvadora, seria talvez melhor pôr de entrada uma girandola de esperanças.

Os eleitores andam muito descrentes com as urnas, havendo quem julgue que, depois de lhes meter dentro as listas, estas se transformam em áspides. O governo necessita tomar á sua conta a propaganda da alegria. Um paiz triste é um paiz morto. Quasi toda a gente anuncia desgraças.

Se o governo faz a mesma coisa, então só nos resta o riso amarelo do qual dizia uma sua vitima que era mais amargo que o fel.

***

MARIO Azenha publicou um belo volume de divagações, sonhos e quimeras, a que pôs o sugestivo titulo de «Passionario». Dele falará oportunamente o nosso critico literario.

***

REFERE um jornal da manhã que um dos agentes que acompanhou o sr. director da investigação a Santarem, com o fim de pôr em pratos limpos o já celebre crime de Alpiarça, insultou e agrediu ferozmente durante os interrogatorios dois dos automobilistas presos.

Se o informe é verdadeiro, lembramos a necessidade de condecorar convenientemente o autor do feito.

EM TORNO DA AGENCIA FINANCIAL

Pela verdade

Com o tempo quente, a imaginação dos portugueses torna-se ardente, irrequieta, descrevendo parábolas no reino das quimeras. Até os mais sisudos se deixam arrastar para fora da sua habitual prudencia.

Haja vista o que se está passando com o caso da Agencia Financial, que muita gente se recusa a encarar serenamente, quando é certo que, neste assunto, a nossa falta de serenidade já nos trouxe desgostos e danos. Parece haver quem se disponha a insinuar que o facto do governo brasileiro lhe cassar a autorização de funcionamento, talvez provenha de felinas manobras subterraneas, delineadas e executadas por qualquer entidade prejudicada nos seus interesses.

Esta suspeita, assim atirada á credulidade publica, é das que podem erguer uma espessa nuvem de pó, dentro da qual ninguem se entende. Fartos de atoardas e boatos, andamos nós. Basta de confusões e dramas tenebrosos!

A supressão da Agencia Financial é o resultado logico de duas causas principais — a necessidade que o governo brasileiro tem de se defender contra a exportação do ouro, pois o cambio marca lá 6 7/8; e a tremenda leviandade com que, entre nós, no Parlamento e na imprensa, se fez a estrondosa discussão sobre se os serviços da Agencia deviam continuar ou não confiados ao Banco Português do Brasil.

Da primeira destas causas saiu o decreto do Parlamento Federal, alterando a lei bancaria, acabando com privilegios e obrigando os bancos estrangeiros e fazer enormes depositos, para poderem negociar em cambiais. Desde o dia da sua publicação no «Diario Oficial», a Agencia Fiancial deixou de existir graciosamente, como um favor que nos foi feito por um governo amigo.

Da segunda brotou um tão espantoso ruido que, no Rio de Janeiro, onde temos amigos e iimigos, houve quem tomasse nota das remessas da Agencia, que nós publicamente anunciávamos. Lembramo-nos muito bem do que a este respeito nos disse um brasileiro ilustre, apaixonado admirador de Portugal:

— «Que loucura! Então os senhores ignoram que, no Rio, se segue com a maior atenção tudo o que aqui se faz e diz. Os nativistas hão de exultar. No Parlamento, os defensores «á outrance» da proibição da saida do oiro vão pôr-se á vontade. Como é que os senhores ousam ocupar-se, em termos tais, da Agencia Financial, quando ela existe por um mero acto de graça do meu governo, que consta duma simples portaria?-»

Desgraçadamente, em Portugal, as coisas eram vistas doutra maneira: as paixões politicas e as ambições surdas de certa finança lançaram tudo na fogueira. A labareda subiu tanto, que se avistou do outro lado do Atlantico.

Como procedeu neste caso a nossa diplomacia, junto do governo brasileiro? Que o digam os srs. ministros dos estrangeiros e das finanças. Afigura-se-nos, porêm, que os acontecimentos podiam mais do que ela, que, de resto, é mais inclinada a distrair-se que a empenhar-se no estudo das nossas boas relações com o Brasil. Mas se ela não é culpada, muito menos o é o Banco Português do Brasil, que se limitou a cumprir o contracto que assinou com o nosso governo, comprometendo-se a enviar anualmente um minimo de X em cambiais.

E agora que vem a pêlo, acentuaremos que a Agencia, não obstante funcionar em acôrdo com o B. P. do B., não perdeu a sua autonomia, tendo lá Portugal dois fiscais que intervinham directamente, dando o seu «placet» ou pondo o seu «visto» nas operações.

O banco foi aproveitado pelo nosso governo para, dada a sua excelente situação, perante a colonia portuguesa, intensificar e alargar os serviços da Agencia, o que conseguiu duma maneira brilhante. Nunca procedeu, de maneira a merecer as censuras ou os aleives encobertos que lhe pretendem dirigir.

Embora se não saiba ainda como se deu a notificação do governo brasileiro, no entanto, quem não a podia receber era o B. P. do B., visto que a Agencia gosava de autonomia, o governo português tinha lá quem o representasse, não podendo, portanto, o governo brasileiro notificar uma entidade meramente particular, como era o B. P. do B.

Conseguiu, ao menos, o nosso embaixador saber a tempo que a nova lei bancaria brasileira não respeitava concessões graciosas?

Que fale a nossa chancelaria..

Seria rialmente desprimoroso que a notificação se fizesse sem um aviso ou informação previa. O Brasil sempre foi atencioso comnosco. Terá usado agora de brusqueria? Não cremos. Ainda que nos ultimos anos, graças ao jacobinismo nativista que infectou alguns altos funcionarios que se nos mostram pouco afectos, certos membros influentes de colonias estrangeiras muito hajam «maquinado» contra nós, o governo federal jámais cometeu desatenções que nos ofendam.

E porque assim pensamos, ainda que o desaparecimento da Agencia não seja um mal irremediavel, lembramos ao governo português a vantagem de ter no Rio representantes, que inteligentemente se ocupem da sua restauração ou adaptação ás novas circunstancias. A diplomacia não é uma inutilidade. Uma politica internacional esclarecida encontra nela espirito e fôrça.

Porque descuramos nós a escolha dos nossos diplomatas?

O Brasil, que nós descobrimos há mais de quatro seculos, começou há pouco, como atiladamente afirma um amigo nosso, a ser descoberto pelos estrangeiros. Temos que haver-nos com estes, sempre dispostos a diminuir o nosso esfôrço. Temos que bater-nos com eles, mesmo diplomaticamente.

Está a nossa embaixada, em terras de Santa Cruz, apta para isso?

Os dois fracassos recentes — o dos poveiros e o da Agencia Financial, suscitam-nos sérias apreensões. Possa o sr. ministro dos estrangeiros dizer-nos a palavra que esclarece e acalma...

SEGUNDO uma nota oficiosa do ministerio da agricultura, não haverá falta de pão. Antes assim, porque, se tal se desse, o povo cometeria «excessos» — o que seria uma maneira pitoresca de resolver a crise da fome que, no dizer dos sabios, não conhece respeitos humanos.

O proprio sr. ministro da agricultura, que é uma criatura cheia de ponderação, nem ao menos teria o recurso das notas oficiosas, porque seria devorado pela sua modestia, não mais dando sinal de si.

***

JA' se diz que, assim como o governo quere fazer o cêrco aos cambios com um decreto, há quem se proponha fazer o cêrco ao decreto com muita ronha. De que se trata?

***

DA RUSSIA chegam noticias que descrevem motins e terrores. E' a agonia do bolchevismo — diz-se.

No entanto, o bolchevismo continua e manchado de sangue. Que pensar disto? Que a imaginação humana está em crise.

***

TEMOS informações seguras de que importantes elementos de Portalegre e de Elvas vão eleger, respectivamente, os srs. drs. José Pequito Rebelo e Antonio Sardinha, membros da Junta Central do Integralismo Lusitano.

***

CESSE tudo quanto as musas ironicas cantaram e estão cantando ácerca do falecido parlamento.

O sr. Giolitti, politico italiano de envergadura, acaba de suplantar todos os feitos praticados na nossa Camara dos Deputados com esse gesto que o leitor já conhece pelos jornais da manhã, de pôr fora da sala por um braço o proprio ministro do Trabalho.

Informa tambem o telegrama ontem recebido que o presidente se viu obrigado a encerrar a sessão, em face das interminaveis scenas de pugilato que se sucederam ao conflito.

Os parlamentares italianos começam a copiar o nosso sistema de parlamentarismo.

Mas, se continuarem usando dele, é muito possivel que tambem tenham de copiar a dissolução.

***

ANUNCIA-SE já outra greve de telefones. O pessoal reclama aumento de salario. A companhia, naturalmente, recusa. São duas atitudes bem diferentes, que provavelmente acabarão por se confundir, no dia em que a companhia se volte para os assinantes, a reclamar dêstes uma nova «tosquia».

***

O alto comissario de Moçambique vai decretar medidas tendentes a desenvolver a agricultura naquela provincia, bem como garantindo aos agricultores os braços necessarios, a fim de obter o fim que tem em vista.

A ENTREVISTA DE ACTUALIDADE

AS IMPRESSÕES DO ALMIRANTE SR. LEOTE DO REGO SOBRE O ACTUAL MOMENTO POLITICO

O ENTREVISTADO—QUAL É O MOTIVO QUE TROUXE O SR. LEOTE DO REGO A LISBOA—UMA RECORDAÇÃO HISTORICA E INEDITA—AS ELEIÇÕES—O PROCESSO DO SIDONISMO—UM FANTASMA PERIGOSO—O SR. LEOTE DO REGO DECLARA-SE INDEPENDENTE E SEGUE PARA PARIS—QUEM TROUXE JOFFRE A LISBOA—O PRONUNCIAMENTO MILITAR—O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA DEVIA RESIGNAR—O JORNALISTA GUILLAINE—UMA CONVERSA COM O REI DE ESPANHA—O SR. LEOTE DO REGO ACEITARIA UM CARGO DIPLOMATICO—UMA SITUAÇÃO DEPRIMENTE

O sr. Leote do Rego a quem nós já por varias vezes tinhamos solicitado uma entrevista depois da sua vinda de Paris, apareceu-nos ontem inesperadamente na nossa redacção.

Recebemo-lo na sala nobre, uma sala de alcatifa vermelha, que tem um sofá fofo e extenso, uma secretaria de estilo e algumas cadeiras dispersas pelos cantos. Já sabem quando cá vierem... O sr. almirante, de calça branca, jaquetão escuro, gravata verde, tomou o sofá, emquanto o jornalista, vis-á-vis, se encolhia na cadeira.

—V. Ex.ª vem a Lisboa para tratar da sua eleição?

—Não tanto como parece. Como vê—disse L. eote do Rego com um leve sorriso, passando a sua larga mão sobre a sua larga face—cortei as barbas o que é um sinal pouco politico.

A frase era frase feita, compreendemos. Era a resposta em «cliché» a todas as interrogações que lhe fizessem sobre tão insólito córte.

O almirante sr. Leote do Rego, que traçára a perna e se colocára em posição marinheira, no sofá, levantou-se, e foi buscar a sua pasta que deixára á entrada em cima duma mesa, guardada pelas luvas, pela bengala e pelo chapeu de palha. Abriu-a. Um maço de esplendidos cigarros ingleses apareceu-lhe nas mãos. Então o sr. Leote do Rego, sem nos fazer o oferecimento da praxe, acendeu um e entrou no assunto.

—Quando cheguei li alguns jornais e fiquei surpreso...

—Apezar de V. Ex.ª ser de poucas surpresas.

—Exacto. Os meus eleitores—diz-se—não votarão em mim porque eu me tornei independente.

"Não sou democratico"

Nesta altura acendemos um cigarro, um humilde «zuavo» jornalistico e preguntámos:

—Mas V. Ex.ª não é democratico?

—Não, não sou! A primeira vez que fui eleito, apresentei-me como independente...

—E quem votou no sr. almirante?

—Possivelmente os democraticos. Recordo-me até que tive mais votos que o Afonso Costa.—E depois:—eu não era politico.

— O seu passado no entanto...

—Ah! o meu passado!

A frase não teve intonação romantica, assim o garantimos. Leote do Rego apoiou sobre o sofá a mão direita, á diplomata, depois, descendeu um pouco as palpebras e evocou:

—Lembro-me duma vez que fui preso e conduzido para S. Julião da Barra. Foi já no tempo da Republica, e era presidente do ministerio o sr. dr. Bernardino Machado.

—Foi preso? E por ordem do sr. Bernardino Machado! interrogámos e exclamámos de seguida.

E insistindo:

—Conte-nos isso sr. almirante.

Preso por ordem do sr. Bernardino Machado

—Fui preso por causa duns artigos que publiquei na *Montanha*, a favor da nossa intervenção na guerra...

—Mas o Bernardino prendeu-o?! Ele não era intervencionista?

Leote do Rego, com um certo ar de quem conhece os homens:

—Era, era; mas só ele o queria ser.

E prosseguindo:

—Depois da minha eleição, insistiram para que me filiasse no partido democratico. Disse que não, uma vez, duas...

—A' terceira decidiu-se.

—Assim foi. Depois do sidonismo, exilei-me, trabalhei em França, como contramestre duma fabrica...

—Surge Monsanto, atalhámos cortando este pedaço de historia já conhecido.

—... Imediatamente venho a Portugal, e quando cá chego, encontro a revolução monarquica vencida. Fazem-se novas eleições; sou deputado outra vez, mas ainda desta, não vou á Camara claramente, com os votos dos democraticos.

—E' estranho isso!

—Não é tão estranho como julga. O que lhe falta é memoria—animou-nos um pouco o sr. Leote do Rego, acendendo o seu segundo cigarro inglez.—Os republicanos fizeram então um pacto, e apresentaram ao eleitorado de Lisboa, uma lista de conjunção republicana, na qual incluiram o meu nome.

—No entanto, dentro da Camara, a sua politica era democratica, não é assim?

—Eu nunca fiquei no parlamento, assentado ao pé dos democraticos. Estava entalado entre os unionistas e os evolucionistas, que me olhavam um pouco á surrelfa. Depois...

A critica do sidonismo

A conversa não seguiu. Leote do Rego levou a mão direita ao peito, como que procurando as suas comendas de oficial ilustre e marinheiro destemido, e prolongou mais dois minutos o silencio.

—Depois, encorajámos nós.

—Depois quiz fazer na Camara o processo do sidonismo. Não queria mexer no Sidonio que a essa hora estava já putrefacto na paroquia de Belem. Discuti-lo no entanto, impunha-se. Um homem que pertence á historia da republica, e que tem uma obra, pode ser criticado, sem que isso represente um acto menos digno, para quem faça essa critica. A discussão teve um certo interesse de principio; inscreveram-se mesmo muitos deputados; eu fiz um longo discurso. No fim, apresentei uma moção...

—O que dizia ela?

—Pouca coisa: que se devia saudar os homens da guerra, os que estiveram presos durante o sidonismo, e... Não me recordo de mais nada. Como vê, era uma moção por assim dizer platonica.

Concordámos.

Voltou para tratar da sua eleição?

—Os deputados porém, perderam o interesse, recearam um fantasma...—A frase continuou para o jornalista, mas não pode continuar para o publico, porque o sr. Leote do Rego, asim nos pediu.—Desanimei. Eu não uso coleira, nem me prostro perante idolos.

—Nesse tempo já não havia idolos de *prata* havia dois, mas eram de *vidro*, ironisámos nós, com pretenções a Gualdino.

O sr. Leote do Rego, sorriu-se e continuou:

—Sai então da camara e disse a alguns amigos, que me tornava completamente independente. Concordaram. Afastar-me-hia; não queria cambalhotar de partido em partido. Segui em direcção a Paris...

—E voltou agora para tratar da sua eleição?

—Venho ver isto. Estranho que se diga que os democraticos não votarão em mim, quando toda a gente sabe que eu sou independente...

—Sr. almirante, uma pregunta: se o elegerem, recusará o mandato?

—Não, não recusarei, afirmou decididamente o sr. Leote do Rego.

O nosso entrevistado, acendeu outro magnifico cigarro inglez. Não podemos seguir o exemplo, porque se esgotára o nosso *stock*, porque a tabacaria era longe, o continuo incerto, aquela hora já canicular, e porque—razão soberana e dominadora—a conversa tinha prespectivas ineditas, para onde iamos caminhando, vagarosamente, prudentemente. Os leitores vão ver...

—E o que sairá destas eleições? A quem pertencem as maiorias?

—Não sei! não sei! Esperava, quando cheguei a Lisboa, encontrar todos os republicanos de acordo, para levarem ás futuras camaras, os parlamentares que mais trabalharam na legislatura anterior, e ainda os homens que conhecem mais a fundo todos os grandes ramos da actividade humana.

—Entraria então v. ex.ª em scena?

—Sim, já não digo pelos ultimos... E olhe que eu trabalhei alguma cousa.

—Não o duvidamos.

—Fiz parte da comissão da marinha; resolvi definitivamente a questão do Sidonio...

—Mas a paroquia de Belem é ideia do sr. dr. Bernardino Machado, não é?

—Não me refiro a isso. Lembra-se dos soldados desconhedidos?

—Queriam-nos pôr aqui, ali, acolá, e até em Belem! Ora se os nossos soldados se tinham batido valentemente pela Patria, necessario era que eles fossem para a Batalha dormir o sono eterno junto do tumulo de D. João I. Apaziguei os animos com este artificio...

—Artificio!

—E o Joffre!

O sr. Leote do Rego recostou-se plenamente no sofá; olhou-nos bem, deitou o seu cigarro para o cinzeiro, e acendeu outro. Percebemos: era uma confidencia, era uma noticia inedita, que nos ia dizer.

"Se Joffre veiu a Portugal deve-se a mim"

—Se Joffre veio a Portugal, deve-se á minha pessoa. Ouviu bem?

Lembrámo-nos dos artigos em parangona, dum jornal da manhã, onde era cantado o nome do sr. João Chagas, em hinarios. Deitaram até fotogravura. Afirmaram: foi João Chagas que conseguiu decidir o governo francês, a enviar Joffre á cerimonia dos soldados desconhecidos. Tudo isto dissémos ao sr. Leote do Rego, que com um sorriso superior nos explicou:

—Os artigos eram escritos por um pequeno, que anda lá por Paris e a quem chamam Paulo Osorio. Ele no entanto sabe que fui eu que, sem caracter nenhum oficioso obtive esse triunfo diplomatico...

—Conte-nos isso.

—Uma vez estava eu almoçando em Paris, num *restaurant*, com madame de Tizac—aquela jornalista, que veio a Portugal e escreveu depois no *Temps* uns artigos muito lisongeiros para o nosso paiz—quando apareceu Briand. A conversa entabolou-se. A certa altura o presidente do ministerio francês, volta-se para mim e diz-me: «almirante, você, como homem do mar, rude e sincero, vai-me dizer o que pensa das relações entre Portugal e a França». O que eu lhe disse?! Falei-lhe do nosso esforço militar, que não fôra devidamente aproveitado em França; do nosso Chefe do Estado—o unico soberano da Europa, que não possue a grã-cruz da legião de honra; daquele artigo de Poincaré, dedicado aos soldados mortos na guerra, que se referia a todos os paises aliados menos ao nosso, e por ultimo, da comemoração que iamos fazer aos dois serranos gloriosos. Ele concordou comigo. Teve uma frase aspera para com a França, que assim abandonava o nosso paiz. Então, sugeri-lhe a ideia de enviar um marechal a Portugal, por ocasião da cerimonia aos soldados desconhecidos.

—Mas o que fazia, o que faz esse sr. Chagas em Paris?

O sr. Leote do Rego com um pouco de comiseração:

—Esse homem já teve merecimento. Agora anda muito neurastenico, muito preocupado com ele proprio. E' ele, só ele, sempre ele. Ninguem o vê...

E prosseguindo:

—Ao outro dia, fui ao ministerio. Briand que estava novamente em guerra com a Alemanha, por causa das reparações, não me poude receber. Falei com o secretario. Queixou-se-me de que a legação portuguesa, não procurava aproximar-se do seu governo. Fez-me ainda outras queixas. Que fosse ter com Joffre—disse-me—e que o informasse e que Briand desejaria que ele visitasse Portugal, por ocasião da cerimonia aos soldados desconhecidos. Fui. O vencedor do Marne recebeu-me muito bem e aceitou o convite. Voltei novamente ao ministerio, e puz o secretario de Briand, ao corrente do que se passára...

—Então foi só V. Ex.ª que trouxe Joffre a Portugal?

—Só eu, afirma o nosso entrevistado, pronunciando solenemente cada palavra.

—E' curioso...

—Aqui tem os documentos comprovativos.

E o sr. Leote do Rego, abre a sua pasta e mostra-nos a copia de alguns telegramas assinados pelo sr. Jaime de Sousa e dirigidos ao ministerio dos Negocios Estrangeiros, em que se narram todas as «demarches» efectuadas pelo nosso entrevistado.

—Os meus telegramas devem estar no Palacio das Necessidades e entre eles, um em que eu garantia ao sr. dr. Bernadino Machado, que se o governo convidasse o ministerio francês a fazer-se representar na cerimonia ao soldado *inconnu*, Joffre viria.

—Os louros no entanto, coroaram a fronte do sr. João Chagas.

—Sim; ele depois aproveitou-se sabendo perfeitamente, que quem tinha feito tudo era eu.

O pronunciamento militar e a impressão causada lá fóra

E com esta frase, o sr. Leote do Rego, que continuava fumando impenitentemente, epilogou a sensacional revelação que nos fizera. O nosso entrevistado, não se sentia fatigado e a conversa deslizou para outro assunto. Preguntámos:

—O que nos diz do pronunciamento militar?

—Foi uma vergonha. Lá fóra causou uma horrivel impressão esse movimento. Dantes, ainda em Portugal se faziam revoluções, com um certo idealismo, agora não; é interesse, só interesse.

—O sr. dr. Bernardino Machado, irritou um pouco os animos.

—O nome dele não deveria ser escolhido para formar governo. No entanto, o Presidente da Republica que tinha dentro de sua casa, nessa noite de baralhada, um governo constitucional, não deveria aceitar imposições dos dois majores ou dos dois cabos de esquadra, que lhe evadiram a residencia. Pessimo precedente.—E depois com firmeza:—o Chefe do Estado deveria resignar.

—O sr. Bernardino Machado, insinuámos nós, irritou sempre toda a questão. Olhe o caso do jornalista Guillaine.

—Não é tanto assim...

—Mas dizer que o sr. dr. Antonio Jose de Almeida estava doente e coacto há-de concordar que é forte. Diz-se que foi o sr. Bernardino o inspirador de Guillaine.

(*Ver continuação na 8.ª pagina*)

ARTE & LETRAS

UMA OBRA DE TEATRO

A peça "Zilda" e a critica

Parece que é do bom tom, parece que é requintadamente intelectual dizer-se mal da «Zilda». Os raros que têm a coragem de erguer a sua voz a favor dessa desgraçadinha, são imediatamente acusados de ignorantes, de frivolos, de inconscientes. Habituado como estou a não temer essas classificações com que se desclassificam aqueles que as formulam, eu sinto-me feliz por ter uma oportunidade para me confessar um dos melhores amigos da «Zilda», um daqueles que seguem com mais interêsse e carinho a sua vida inquieta, borboleteada...

Eu não sei qual é a noção que certos escritores graudos, senhores da pena grande, têm sobre teatro. Dentro da minha noção de teatro, dentro do meu tablado, a «Zilda» é uma peça moderna, bem lançada, bem construida, com sobriedade, com emoção, com nervos. Não tem uma tese, não tem um fim, não quere provar nada... Isso apenas a favorece. Esse teatro conselheiro Acacio, esse teatro-comicio, esse teatro ingenuo, que pretende, a viva fôrça, formular os estatutos da Alma humana, já lá vai muito longe... O proprio Brieux já abandonou esses moldes, já se atreve a fazer «vaudevilles»...

Sim. Eu sei o que me estão objectando, com um sorriso de piedade, um amavel sorriso de compaixão para este incorrigivel «enfant terrible» das letras patrias... Mas Ibsen? Mas Mirbeau? Mas Curel? No teatro de Ibsen não há teses, há casos. Ibsen não impôs canones á humanidade, não amarrou os homens uns aos outros com esses atilhos frageis das idéas feitas.

Eu não conheço teatro com menos retórica, com menos palavras, do que o teatro de Ibsen. No teatro quanto mais se fala, menos se pensa. Ibsen é, justamente para mim, o maior dramaturgo, porque é o unico que não se preocupa com as almas vulgares, com as almas que podem ser redusidas a teses, mas que se interessa unicamente com as almas raras, as almas que é preciso descobrir, essas almas que não existem para aquelas pessoas que se resolveram a meter a vida toda num catalogo... Lembro-me agora, por exemplo, da «Maison de Poupée», uma peça que não deve agradar aos Rabis da nossa moral, aos rabudos da nossa literatura. Nora é uma mulher futil, é uma mulher que mente, uma «poupée». Nora não faz discursos... Futilidade, pó de arroz, muito «rouge», muitas mentiras... Que frivolo aquele Ibsen... Sim, porque para os nossos catões literarios (os pobresinhos não passam de Caetanos...) basta agitar uma borla de pó de arroz, para se ser frivolo, para se serôco... Não vêem eles que não há nada mais dificil, que não há nada mais profundo, do que conseguir dar a futilidade, quando se não é futil?!

Por debaixo de uma frase que sabe ser futil, há sempre uma idéa, como por debaixo dum vestido está sempre um corpo... A frivolidade é o pudor da Arte. Quem não sabe ser frivolo, está longe de ser profundo: é um desmazelado. Só os profundos têm o segredo da futilidade. Em geral, aos futeis dá-lhes para ser profundos... E, candidamente, julgam que o conseguem, evitando os galicismos, os neologismos, procurando cuidadosamente não falar na Garrett, no Chiado, nas «toilettes» das mulheres, etc. etc... Trata-se, afinal, duma cobardia. Quem não é futil não teme as palavras futeis nem os assuntos futeis... Robledillo dansava sobre um arame... A frivolidade em Arte nunca é gerada com frivolidade, é dada muitas vezes com tragedia, com esforço, com a inteligencia a sangrar. Emquanto os outros só têm idéas, eu tenho as idéas e as respectivas frases, as espadas e as bainhas... E' que uma frase, uma frase que o seja, tem sempre uma fechadura de segredo, uma fechadura que descobre uma idéa. Eu já o disse algures: quem tem frases, arrisca-se a ter idéas... As idéas são as frases da inteligencia. Adão e Eva só podem figurar no «bal masqué» da grande Arte em «toilette», quando trazem mais alguma coisa do que a folha de parra...

Amelia Rey Colaço

Alfredo Cortez
(Caricatura de Amarelhe)

Querem peças de idéas que sejam ao mesmo tempo peças de frases, que por serem peças de frases são peças de idéas?... Leiam «La danse devant le miroir», de Curel, «La profession de madame Warrens», de Schaw, a «Gioconda», de d'Annunzio, todo o teatro de Wilde... E' bom não confundir o teatro de frases com o teatro de palavras. O teatro de palavras é, justamente, o que eu detesto, o teatro empolado, ribombante, rã que quere ser boi, enfadonho, insipido, semsaborão, como um dicionario. O teatro de frases é o teatro sintético, o teatro onde há uma legenda rapida para cada gesto. As palavras só, por si, são anárquicas, turbulentas, incoerentes, como multidões. São as frases que as disciplinam, que as alinham. As frases são os pelotões das palavras.

A «Zilda» está dentro desse teatro, dentro do teatro moderno, dentro do meu teatro. Não se trata, evidentemente, duma peça perfeita. O final do segundo acto, que é, para muitos, o melhor da peça, parece-me falso, demasiado artificial, sem uma grande beleza a justificar esse artificio. O terceiro acto, que é bem traçado, que é bem escrito, vive muito á margem da peça, corta-a, intervala-a, parece um acto extra-programa. Aquele entusiasmo pela sala arabe do Monumental é mesmo de mau gôsto, faz lembrar, sem querer, as referencias que se fazem aos estabelecimentos em frente dos quais se passam os quadros das revistas...

Estes defeitos, pequenos defeitos, não conseguem, no entanto, diminuir o valor da obra. O primeiro acto da «Zilda» é um acto perfeito, bem teatralizado, um primeiro acto modelo. O segundo acto é bem movimentado, bem «nuancé», com scenas que revelam um dramaturgo de pulso, como esse dialogo-*trouvaille* entre Manuel de Castro e Miguel Corte-Real. O quarto acto, o melhor da peça, não foi compreendido pelos nossos intelectuais, intelectuais de alcunha... Esse humano desenlace, esse gesto de Zilda abrigando-se nos braços de um qualquer, para fugir de um cadaver, foi acusado de inverosimil, de incoerente, de falso... Pois, para mim, é essa a atitude mais bela que a Zilda tem durante toda a peça. A Zilda é uma apaixonada pela vida, a vida que lhe beija a pele, que lhe beija o corpo, em perolas, em pedras preciosas, em pulseiras e colares... Os rubis são os unicos pingos de sangue que o seu olhar suporta. Topa, de repente, no seu caminho, com um cadaver caido numa poça de sangue... Com o receio de mergulhar nessa poça de sangue, com o temor de ver submersa a sua alegria, para todo o sempre, Zilda resolve fugir, resolve cair nos primeiros braços que se lhe oferecem, como o naufrago que se agarra ao fragil madeiro que encontra sobre as ondas... E' humano, é muito belo, é assim... Zilda desmentir-se-ia, se não tivesse esse gesto.

Eu sei, eu sei porque a «Zilda» não foi compreendida, porque cairam sobre a sua cabeça fragil os calhamaços das bibliotecas... «Zilda» é uma figura de hoje, e eles, as traças dos «in-folios», são todos de ontem, são todos de há muito tempo... Como podem eles conhecer a «Zilda», se eles nunca saem á rua, se eles têm como horizonte uma prateleira de livros velhos... Eles não conhecem a «Zilda». Por isso a negam. A «Zilda» existe, a «Zilda« foi gerada por esta Hora, por esta Hora impulsiva, por esta Hora onde as almas não têm programa, por esta Hora febril, atziganada...

Venham, venham para a rua... Eu concedo-lhes a amnistia. A vida não se conhece, não se aprende entre quatro paredes. A vida é cá fora, a vida é no mar-alto... A Rua é a grande biblioteca da vida. Não há livros mais belos do que os corpos vivos... E um livro só é belo quando é um corpo vivo... A «Zilda» existe, existe cada vez mais... Quem não existe são eles, os que duvidam da «Zilda»... Querem uma prova, querem? Vejam se o publico não conhece a «Zilda»?... O publico não se espantou, o publico achou natural, achou verosimil... E' que o publico vive na rua, o publico vai aos teatros, lê os jornais, o publico regula-se pelo relogio da estação do Rocio, por um relogio de gare... Eles, eles vivem em casa, de «robe-chambre», de pantufas, sem terem, ao menos, como o Anatole, um gato ao colo, para lhes electrizar as mãos decrepitas...

Não me venham dizer que o exito da «Zilda» não representa nada para o valor da obra. Eu, que procuro isolar-me, eu, que tenho nos meus sentidos o meu publico, acho que o teatro é uma arte para o publico, visto que é uma arte que se oferece á plateia... O grande segredo, o grande triunfo do dramaturgo está em agradar á plateia, das primeiras filas até ás ultimas... Eu, que estou nas primeiras filas, gostei. O publico, que está nas ultimas, gostou tambem. Se alguns camarotes, se algumas camarilhas não gostaram, paciencia... E' natural que a «Zilda» tenha inimigos. Os inimigos da «Zilda» são todos aqueles que a não conhecem, são todos aqueles que jámais toparam na vida com uma «Zilda»...

Antonio Ferro

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

No Chiado

A' porta de qualquer tabacaria X... encosta-se melancolico, absorto nas suas cogitações. Z... aproxima-se e desperta-o:

Z...—Estás com uma cara sinistra! Que te aconteceu?

X...—Nada... Sinto-me neurastenico.

Z...—Diabo! E como arranjaste essa madureza?

X...—A' força de meditar nestes dois problemas insoluveis para mim e para muitos: habitação e condução.

Z...—Mas tu não tens casa?

X...—Tenho uns quartos infectos, que pago por um preço fabuloso, a uma distancia que não é possivel percorrer a pé e que tentei remediar com um passe de electricos, que trago na carteira para me enfurecer sempre que o vejo.

Z...—Tens razão. Isto está insuportavel!

X...—Com electricos ia almoçar e jantar a casa quasi sempre. Era uma economia. Sabes o que se paga na baixa para se matar a fome, escassamente. Agora com o luxo do automovel em pic-nic ou mesmo do camion, arruino-me quer vá, quer fique.

Z...—(Compungido e laconico) E' verdade!

X...—Tenho pensado tanto que podia escrever um livro eloquente, intitulado «Meditações dum pelintra». Tu não imaginas quantas ideias mirabolantes me têm passado pela cabeça!

Z... — Eu acho melhor não pensar... Deixar correr, *é o que todos nós fazemos.*

X... — Tenho-me lembrado de dar vivas á monarquia, para ir preso e arranjar assim a maneira de ser alojado, mantido e transportado pelo Estado. Lembrei-me de emigrar, de me fazer criado de restaurant ou criado de bordo, grevista, bolchevista ou gatuno, mas ha sobretudo uma ideia honesta, embora original, que é a mais persistente e a que mais se harmonisa com o meu caracter pacifico e comodista.

Z... — Conta lá isso.

X... — Lembrei-me de, vendendo o que tenho e juntando um vago resto de economias, comprar um camion e fazer-lhe umas pequenas obras que me permitam armal-o em quarto de dormir, tecto e paredes de madeira, uma janela, uma porta com escadote, uma mobilia sumaria. Eu sei conduzir regularmente, não preciso de chauffeur, e a gasolina está mais barata... Tenho assim habitação e condução. Não receio greves, nem senhorios, nem trespasses. Se houver uma revolução na Rotunda, mudo-me para a Junqueira. Vou comer onde os preços forem mais convidativos. No verão resido em Bemfica ou na Amadora, no outono no Dafundo ou na Cruz Quebrada, no inverno no ponto da cidade que me parecer mais confortavel. Que te parece a minha ideia?

Z... — Reminiscencias da «Casa a vapor» de Julio Verne, que lêste aos quinze anos!

Samuel

Novidade literaria

LIMINAR

POR

MARIO ALVES PEREIRA

A' venda em todas as livrarias

LER AMANHÃ:

O amor excepcional

SOBERBA, VAIDADE E ORGULHO

Artigo de

Maria de Carvalho

ALLÔ! ALLÔ!

As meninas dos telefones vão declarar-se em greve?

Dentro de poucos dias devemos ficar sem telefones, como já estamos sem electricos

Anuncia-se já para esta semana a greve das meninas dos telefones, que apresentaram á Companhia as suas reclamações e que ainda não alcançaram sobre elas uma resposta definitiva.

Não é dificil calcular os prejuizos que este estado permanente de greve vai acarretar para a população de Lisboa, que neste momento anda a pé porque não tem electricos, e que—uma vez declarada a greve dos telefones—se vê obrigada a não telefonar, uma coisa que se costuma fazer todos os dias para as pessoas das nossas relações e ainda para aquelas que, por qualquer motivo, andam ligadas aos nossos negocios ou á nossa vida.

E' muito facil declarar uma greve, embora justa, mas é muito dificil resolve-la. Por isso deveria haver todo o cuidado por parte da Companhia dos Telefones em não precipitar um conflito que a ela não aproveita e não aproveita ao publico.

No intuito de colhermos informações, pegámos no auscultador e fizemos esta pregunta a uma menina toda retocada de amabilidades:

—Já sabe quando se declara a greve?

—Deve ser ainda esta semana.

—E a menina dá-lhe a sua adesão?

—Isso nem é pregunta que se faça, sr. jornalista!

O auscultador pousou do descanço e nós fomos a outro telefone, a fim de interrogar outra menina.

—Então como vamos de greve?

—Eu não sei nada.

—Mas se ela fôr declarada, dá-lhe o seu apoio?

—Não, senhor; fico onde estou.

A tirar uma conclusão destas duas consultas, depreende-se que nem todas as meninas estão dispostas a acompanhar as suas camaradas e o restante pessoal de escritorio, que, segundo nos afirmam, está cada vez mais resolvido a declarar a greve. Não poderá a Companhia evitar que um novo desarranjo venha entravar a maquiua da vida lisboeta?

TEATROFOBIA

A Companhia dos Telefones e o seu deposito de gazolina

Se a pretenção da Companhia fôr por diante, o teatro do Gimnasio corre grave risco

O teatro do Ginasio vai acabar tambem? A pregunta anda aí de bôca em bôca, porque se diz que a Companhia dos Telefones, que agora se voltou contra os teatros, pretende instalar um deposito de gasolina no rez do chão do teatro da Trindade.

Posto em campo um reporter do «Diario de Lisboa», conseguiu averiguar — o que toda a gente pode ver com os seus olhos — que á porta da antiga bilheteira do antigo salão da Trindade foi afixado o seguinte

Edital

O administrador do 2.º bairro de Lisboa faz saber que «The Anglo Portuguese Telephone Company» pretende ter deposito de gasolina, inferior a 200 quilos, na rua Nova da Trindade, 55, r/c., freguesia do Sacramento, deste bairro, e sendo este deposito da classe 3.ª da tabela anexa ao decreto de 21 de Outubro de 1863, com a indicação de «risco de incendio» — são por isso convidadas as pessoas que se julgarem interessadas, a reclamar no prazo de 10 dias contra a concessão da pretendida licença, para cujo fim se publica este e outro igual nos lugares do costume.

Lisboa, 13 de Junho...

A Companhia dos Telefones deseja colocar o deposito de gasolina no lugar onde estava instalado o motor do salão da Trindade. Ora, sabemos que as pessoas que se julgam interessadas — e entre elas conta-se a pessoa moral emprêsa do teatro do Ginasio — apresentaram ao tribunal a sua reclamação, estando dispostas a não deixar ir por diante a pretenção da companhia.

NO MINISTERIO DO COMERCIO

Os habitantes da Charneca e da Costa de Caparica pedem melhoramentos locais

O sr. A. Teixeira da Silva entregou, hoje, ao sr. ministro do comercio, uma representação dos habitantes da Charneca e Costa de Caparica, instando pela construção de um troço de 400 metros de estrada da costa á praia, que interessa á industria da conserva de peixe e á exploração da mina de ouro da Fonte da Telha, obra que vem sendo pedida ha mais de 10 anos. Tambem entregou uma representação, pedindo a cedencia de algumas madeiras do pinhal d'El-Rei, em Almada, para a construção de barracões na Fonte da Telha, para os operarios da mina.

Hospital Colonial de Lisboa

Foi nomeado farmaceutico do Hospital Colonial de Lisboa o major farmaceutico sr. Pais Moreira.

O ACORDO FRANCO-PORTUGUÊS

Reunião da comissão delegada do conselho do comercio exterior de Portugal

No gabinete do director geral das alfandegas, sr. Manuel dos Santos, reuniu-se esta tarde a comissão encarregada pelo conselho do comercio exterior de Portugal de coordenar as propostas apresentadas nas duas ultimas sessões desse organismo, de maneira a estabelecer um corpo de doutrina uniforme sobre o projectado acordo comercial com a França.

As conferencias de hoje com o sr. presidente do ministerio

Conferenciaram hoje com o sr. presidente do ministerio os srs. ministros do interior, instrução e agricultura, dr. Egas Moniz e Nunes Ribeiro, director dos Transportes Maritimos do Estado.

Notas Mundanas

Aniversarios

Faz hoje anos a menina Maria José de Sampaio, gentil filhinha do sr. Carlos Sampaio.

Fazem ámanhã anos as srs.as:

D. Isabel de Melo de Assis Mascarenhas de Barros, D. Maria Luisa da Cunha Meneses Monteiro de Andrade e Sousa, D. Berta Lobo de Avelar Lima Pereira da Cruz, D. Maria Guilhermina de Brito e Cunha, D. Herminia Leite Ribeiro, D. Maria José Barão de Calheiros, D. Suzana Andresen da Costa, D. Beatriz Viveiros Pereira e D. Maria de Macedo Santos Leitão.

E os srs.:

Conde de Lavradio, D. Francisco Monteiro de Almeida e dr. João Tavares Franco.

A caridade

No Terrasse Bragança

Foi recebida com grande entusiasmo a noticia que ontem demos da festa de caridade que na noite de 28 do corrente, vespera de S. Pedro, se realiza no Terrasse Bragança, organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, em beneficio da Escola de Nossa Senhora das Mercês.

Além das diversões de que ontem falámos, a comissão prepara um concurso de dança, para o qual haverá varios premios.

O serviço de ceias estará a cargo da acreditada «patisserie Garrett».

Para mais esclarecimentos que forem necessarios, dirijam-se á sr.ª D. Fernanda de Castro, travessa de Santa Quiteria, 76, ou pelo telefone 621, norte.

Casamentos

No dia 12 do corrente foi pedida em casamento pela sr.ª D. Maria da Conceição Serra Costa, esposa do importante capitalista sr. Antonio Pedro da Costa, para seu filho o sr. Fernando Costa, a sr.ª D. Sofia de Campos Henriques de Almeida (Pinhel), gentilissima filha dos srs. condes de Pinhel.

O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

Estão justos oficialmente os casamentos das sr.as D. Maria Rosalina Moreira, com o nosso colega sr. dr. Alexandre Regalo e de D. Amelia Moreau com o sr. tenente Piçarra.

Batisados

Na paroquial igreja de S. João das Caldas de Vizela, realizou-se há dias o batisado de um filhinho da sr.ª D. Olimpia Soares Ogando e do sr. Francisco Ogando. Serviram de madrinha a sr.ª D. Izaura Coelho Moreira e de padrinho o sr. José Coelho Moreira. A gentil criança recebeu o nome de Francisco José. Finda a cerimonia religiosa foi servido um esplendido «lunch» no Grande Hotel do Cruzeiro do Sul.

Clubs elegantes

No Club Brasileiro

E' esta noite que no Club Brasileiro se realiza o anunciado baile organizado por uma comissão de socios de acordo com a direcção, o qual será seguido de ceia.

Tanto o baile como a ceia serão abrilhantados por dois sextetos. Pelo numero de convites e pelo numero de mesas marcadas, facil é prever que a noite de hoje neste club seja revestida de grande brilhantismo.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Na ultima representação da peça «Zilda», original de Alfredo Cortez, neste teatro pela companhia da gentil actriz Amelia Rey Colaço, recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.as:

D. Maria do Loreto de Borja Trindade e filhas, D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo; D. Maria Luiza Roque do Pinho de Oliveira Monteiro, D. Maria Santos Silva Roque do Pinho (Alto Mearim), madame Rey Colaço e filhas D. Maria e D. Alice; D. Maria Pinto Leite, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Irene Roque do Pinho (Alto Mearim), madame Leal de Faria, D. Maria Montesuma Santiago Presado, D. Palmira Moutela, D. Maria Eugenia, mademoisele Castro, etc., etc.

No Cinema Condes

Assistencia elegante ás ultimas sessões realizadas neste esplendido cine:

Condessa de Calhariz, D. Etelvina Falcão, D. Sarah Paiva de Andrade, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen e filhas, D. Vera e E. Maud; D. Luiza Tavares Horta Osorio, D. Mariana de Sequeira Nobre Sobrinho, D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Berta Falcão Rasques Pereira, D. Maria Cohen do Espirito Santo Silva, D. Maria Pereira de Meio, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Alice Burnay, D. Maria José e D. Irene Caldeira Coelho, D. Dalila Correia Leite, D. Isabel Lallemant, etc., etc.

Em viagem

Regressou das Caldas de Felgueira á sua casa no Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Berta de Somer Viana, o sr. Henrique da Guerra Quaresma Viana.

—Para Entre-Rios, partiram os srs. conde de Pinhel (D. Dolores e Luiz).

—Os srs. marqueses de Olhão, acompanhados de seus filhos, encontram-se já na sua quinta de D. Carlos, em Alenquer.

—Para as suas propriedades do Alentejo, partiu o sr. D. Jorge Machado de Castelo Branco (Figueira).

—Com sua esposa, a sr.ª D. Ana de Gusmão Navarro de Andrade, partiu para Nespereira (Gouveia), o sr. conselheiro José Navarro de Andrade.

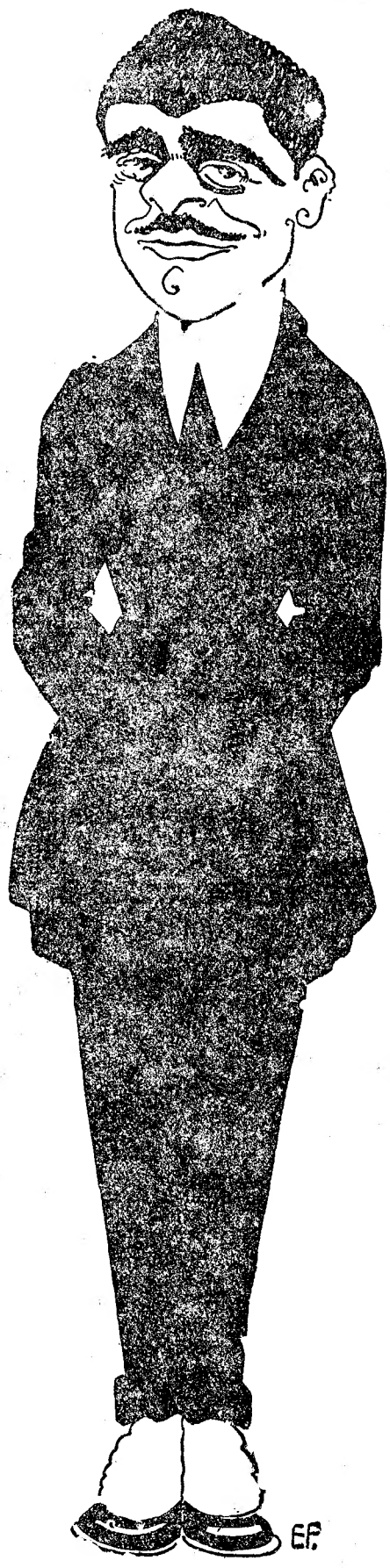
— Partiu para a sua casa de S. Pedro de Muel o ilustre poeta sr. Afonso Lopes Vieira.

Enfermos

Num quarto particular do hospital de S. José, onde se encontra em tratamento, sofreu ha dias uma melindrosa operação o sr. Adolfo de Azevedo.

A CIDADE

OS POLITICOS



(Desenho de Eduardo Faria)

Cunha Leal

Politico novo e já de nomeada, finanças e sangue na guelra, tal qual o dr. Afonso Costa ha dez anos, e que ontem deu uma interessantissima entrevista ao "Diario de Lisboa". Afirma-se que está aborrecido com a marcha das coisas politicas.

AVÔ AFFONSO

Ha a politica, ha o seu partido, ha o parlamento, ha a questão financeira, ha trinta telegramas cada mês, ha uma revolução á vista — e o dr. Afonso Costa não vem a Lisboa. Nasce-lhe um netinho, que Deus proteja e cubra de bençãos na hora de solenidade do baptisado, e o dr. Afonso Costa vem logo aí, no expresso, no primeiro expresso, direto por Salamanca, sem ir a Madrid, sem passar por estação nenhuma de cura, sem tocar em Foz de Arelho. E não sei se os senhores encontram nisto algum significado novo. Quanto a mim a nova personalidade que surge de «Avô Afonso» constitue um acontecimento na vida social portuguesa. E' certo que o antigo chefe democratico já tinha um neto; mas as gazetas não tinham gemido, ficára esse primogenito da sua segunda geração no esquecimento dos jornais. Logo, é como se não existisse. A publicidade é que sanciona a vida, e até a morte. Se o jornal não disser um dia — que oxalá venha longe — que o sr. dr. Afonso Costa morreu, o sr. dr. Afonso Costa não morreu. Só agora é que o fogoso politico é avô, a mais adoravel das posições de um homem perante a familia, e, no caso do dr. Afonso Costa, a mais ponderavel das posições de um politico perante a Patria. Eu não sei se os senhores reconhecem uma grande importancia á nova personalidade de «Avô Afonso». Nós damos-lhe toda.

Perdão... Hemos de dizer que o dr. Afonso Costa não sabe que eu existo, o que me coloca extremamente á vontade. Eu sei que o dr. Afonso Costa existe porque no tempo do sr. dr. Almeida Ribeiro alguns artigos meus escritos na «Manhã» foram trucidados — o que logo a seguir o dr. Sidonio Paes reeditou com vantagem — e ainda porque o ouvi falar no comicio, no parlamento, na tribuna e ha semanas dentro da Batalha, por tal sinal que mais tempo do que aquele que o protocolo estabelecia. Mas se as minhas relações com o politico eminente são tão vagas que não chegam sequer a existir, o mesmo não sucede em relação ao conhecimento que eu tenho do seu papel politico e do estigma, do apodo de despota e de autoritario que pesa sobre a sua cabeça. E' nesta altura que, penso eu, o desdobramento da sua pessoa politica e discutida em «Avô Afonso» reveste uma importancia grande na sociedade portuguesa e talvez venha a ter reflexos na opinião publica. Tudo está em saber se o «Afonso Costa», se o «Afonso» é ou não é vencido por «Avô Afonso».

* * *

Em Espanha os grandes politicos são caricaturados, em França são ridicularisados, em Inglaterra são respeitados. Em Portugal os grandes politicos são odiados ou são idolatrados. Nós não temos meio termo. Odiar é uma virtude e amar é outra, ainda que esta um pouco menos inofensiva; o povo português atinge, em politica, o reguinte da sua virtude... De modo que o odio de metade e a adoração excessivamente passiva de outra deram ao dr. Afonso Costa aquela excitação e liberdade, que amassaram o tipo irritante, voluntarioso e pesado de politica, á *poigne*. Eles que se governem por lá, que eu me governo por cá», terá dito o ex-chefe politico. «Eu sirvo melhor a Patria aqui, em Paris, ao pé dos grandes do mundo». E' nesta altura do seu orgulho que nasce o seu neto, o seu autentico neto, o neto que fez dele Avô, para o efeito de correr mundo. O dr. Afonso Costa vem ahi já, e agora nunca mais ninguem o arranca do pé do pimpolho. E' outro, vai ser outro, absolutamente outro. O segredo de transformação publica dos homens vem ás vezes de cousas infimas, insignificantes, pequeninas da sua vida interna. O nascimento de um dente no ultimo filho, o sorriso a adivinhar-se no primeiro neto. Sabe-se lá que o determinou a reviravolta do sr. Briand, e quando a greves dos *cheminots*. «La France!», gritou o ex-socialista na tribuna do Palais Lombon. Historias. O seu primeiro neto é que foi. A transformação benefica para a Patria dos exaltados homens politicos, Millerand, Bissolati, Lerroux, Lloyde Georg, tem origens em pequeninos incidentes do seu segundo lar, após a intervenção do medico-parteiro. O sr. dr. Bernardino Machado, que está cada vez peor—é uma brilhante excepção.

* * *

«Avô Afonso», mais do que o dr. Afonso Costa, é digno do nosso respeito, porque é tambem digno, o que o segundo não merecia, da nossa simpatia. Eu afirmo que, se algum brilhante jornalista de combate, fogoso ou irrevente, pretender atirar um ridiculo sobre um caso intimo, a que eu atribuo uma alta influencia sobre a vida nacional—é por inveja. Isto de ser Avô não é para todos. Primeiro é preciso ter filhos, depois é preciso criar os filhos e ainda depois deixa-los casar e achar a nora muito boa rapariga. Só então ha possibilidade—infelizmente diminuindo muito ha um tempo a esta parte—de virem os netos. Mas ter uma pessoa um neto, não quere dizer que seja Avô. Para ser avô é necessario vir a correr de Paris, ter uma ternura, ter uma expressão amorosa—a primeira vez que fosse!—, transformar-se, modificar-se, criar novos habitos de estar sentado a ler o jornal e de estender os braços para receber um volume côr de rosa macio, como penas de andorinhas; inventar ineditas, desconhecidas expressões de meiguice e de afecto, sorrir já sem ironia, prender a luneta com um pouco mais de segurança. Estamos a ver o «Avô Afonso», e façam os senhores o favor de o ver tambem como eu, á luz velada de um candieiro, ao serão, entre os seus, no ambiente calmo do lar de seus filhos, a adormecer o pequenito, com as fortes pernas fazendo berço, recomendando silencio quando alguem eleva a voz, esquecido ao lado a ultima novidade financeira do mercado francês, e bem humorado, oh! excelentemente feliz, de um bom humor só quebrado quando a gentilissima senhora sua filha lhe vier dizer:

—Oh papá! Já viu o que dizem eles aqui que se passou no parlamento, a respeito do emprestimo dos «dollars»?...

—Olha que acordas o Afonsinho!...— eu quero lá saber agora do parlamento e dos «dollars». Que massada!...

Santo Deus! Já deu a meia noite e já a ama veiu três vezes pelo menino. «Avô Afonso» tranquilamente, como um santo, sonha, sorrindo como o netinho, á contemplação quimerica de um primeiro dente.

«Avô Afonso» é uma posição no lar, mas é tambem um sintoma na nossa terra.

Um sintoma que é necessario observar com muita visão. O regime tem onze anos, e está crescidinho. Afonso Costa é Avô, e os outros politicos tambem o devem já ser, pouco ou menos. Vamos lá então todos a levar isto com juizo, e a assentar a nossa vida nas sagradas virtudes cristãs...

Norberto de Araujo

MÁ-LINGUA

Bom presagio

Ao ex.mo sr. presidente do ministerio

Se salvar a Nação, sr. Tomé,
com suas luzes sãs, de um brilho puro,
ha-de ter uma estatua, essa lhe juro,
que até se ergue do solo por seu pé!

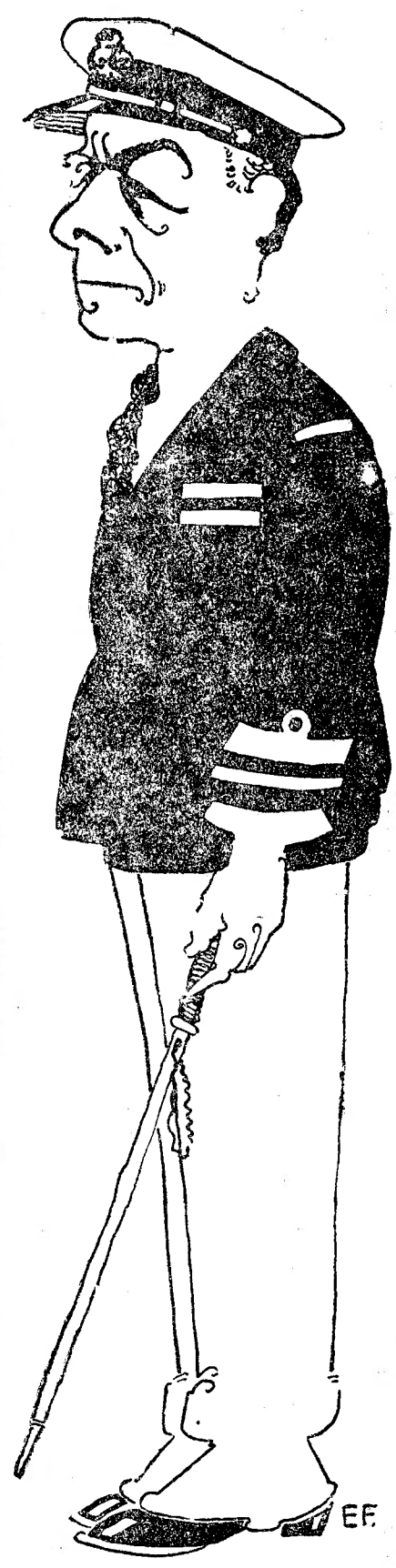
É que é dificil; ai, lá isso é.
Quer pulso e genio, quer trabalho duro,
Se a salvar, sempre é certo que o futuro
nas colonias se encontra; em S. Tomé...

Eu, tenho esperança. Aparte outro argumento,
—ponho agora de lado o seu lalento—
encontrei um prenuncio bem certeiro.

Pois não ha-de dar luz a Portugal
o nome luminoso e sem rival
que assina a chaminé do meu candieiro?...

TAÇO

OS POLITICOS



(Desenho de Eduardo Faria)

Leote do Rego

Oficial de marinha distintissimo, e politico de não menos distinção, que nunca chegou a ministro, e que hoje faz no "Diario de Lisboa" importantes declarações. Diz-sê que está tambem desgostoso com a politica, mas não se importaria de ser diplomata...

Arte portuguesa

Uma interessante publicação prefaciada pelo eminente historiador Salomon Reinach

O sr. dr. José de Figueiredo, ilustre director do Museu Nacional de Arte Antiga, teve a amabilidade de nos enviar um prospecto ilustrado de um trabalho que vai aparecer proximamente sobre as obras primas dos museus, tesouros e colecções particulares de Portugal, que será prefaciado pelo eminente historiador francês M. Salomon Reinach, membro do Instituto e conservador dos Museus de França. Para essa obra, de um sentido altamente patriotico, escreveu o sr. dr. José de Figueiredo uma introdução, fazendo acompanhar de uma noticia detalhada cada reprodução das obras primas da arte primitiva portuguesa.

O director do museu das Janelas Verdes não tem outro intuito que não seja o de prestar um grande serviço ao seu paiz, pois a sua colaboração, como a do eminente historiador Salomon Reinach, é absolutamente gratuita.

Quanto ao editor, M. Demotte, a quem o Museu de Arte Antiga deve já doações de obras de arte no valor de cêrca de 50 mil escudos, o seu fim é unicamente o de concorrer para o melhor conhecimento do nosso patrimonio artistico, visto que, vendidos mesmo todos os exemplares da publicação, o produto não dará para as despesas que ela lhe traz.

PROVINCIAS

Em Alverca

A abertura dos bailes campestres

Alverca, 21

Promovido pela Sociedade Filarmonica Recreio Alverquense, realizou-se ontem a abertura dos bailes campestres e quermesses, os quais estavam muitissimo concorridos, vendo-se muitas pessoas de todos os arredores desta vila. O recinto estava lindamente ornamentado com verdura e uma linda iluminação á moda do minho.

Espera-se grande concorrencia para as vesperas e dia de S. João e S. Pedro.

As proximas eleições

Começa a ser muito falado o proximo acto eleitoral. Segundo nos consta são em numero de 9 os deputados por este circulo, citando-se já os seguintes nomes: Amadeu Infante da Camara, proprietario; Francisco Luiz de Carvalho, coronel medico; Abel Teixeira Pinto, funcionario publico; dr. João Gonçalves, regionalista.

LENHAS

Cortadas para fogão e postas á porta do comprador

Cêpa, azinho e sobro, secos a **100$00** a tonelada. Pinho a **90$00** a tonelada. Peso garantido.

Rua da Junqueira, 200

Telefone C. 1882

"Diario de Lisboa"

Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.

Em Montemór-o-Novo

As chuvas

Montemòr-o-Novo, 21

As chuvas dá pretérita quinzena evitaram a perda das searas que, excepto os favais, conseguiram salvar-se, havendo esperanças duma boa colheita de cereais. Vão activar-se as ceifas.

A baixa de preços

Hoje apareceram á venda, por preços mais baixos, alguns generos alimenticios, como carne, batatas, legumes e assucar, o que produziu excelente impressão no publico. E' para desejar que esta baixa se mantenha e acentue e seja o primeiro passo para a solução do terrivel problema da carestia da vida.

Uma procissão

Foi conduzido procissionalmente para a sua ermida, nos arredores desta vila, a imagem da Senhora da Visitação, que ha tempo viera para a igreja do Calvario em procissão de penitencia. Pregou o rev. Antonio de Almeida, de Obidos.

Senhora da Esperança

Houve em S. Mateus a festa da Senhora da Esperança com arraial, cavalhadas e fogo de artificio.

O novo medico municipalista

Tomou posse e entrou em exercicio o novo medico do partido municipal de Lavre, sr. dr. Antero de Seabra.

DIA RELIGIOSO

A'MANHA, 24—Resa-se de S. João Batista, simplês, 1.ª classe com oitava de comum, paramentos brancos. Missa propria. Credo. Dia santo dispensado.

LAUSPERENE — Na igreja das Chagas de Cristo, por devoto de Nossa Senhora de Lourdes.

FESTAS A S. JOÃO BAPTISTA — Com missas solenes, por musica, e com exposição do Santissimo.

Sé, ás 11, côro; ás 12.

S. Roque, ás 8 e meia.

Lumiar, ás 12 horas, orando o rev. Governo.

S. João da Praça, ás 12 horas, orando o rev. dr. Santos Farinha; ás 18 horas, Te-Deum, por musica.

Chagas de Cristo, ás 12 horas; ás 20 horas, Te-Deum.

Linda-a-Pastora, ás 12,30 horas, orando o rev. Fiadeiro; ás 21 horas, arraial e quermesse.

Alhandra, reabertura ao culto publico catolico da igreja paroquial; ás 12,30 horas, orando o rev. conego Martins Pontes. A' noite, arraial e quermesse.

NOVENA A SANTA ISABEL—Com exposição do Santissimo, por instrumental.

Santa Isabel, ás 20,30 horas.

TRIDUOS—*S. Francisco de Paula*, ás 18 horas, a Santo Antonio, com exposição do Santissimo, por musica.

S. Nicolau, ás 20 horas, á Senhora das Lourdes, com exposição do Santissimo, por musica.

Seale e Lucas

Importador e Exportador

19 Eastcheap EC3

LONDRES

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVEZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

Pinto & Sotto Maior

BANQUEIROS

LISBOA Rua do Ouro, 18, 24

PORTO Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Depositos á ordem e a prazo

Contas correntes em moeda nacional e estrangeira

Saques sobre o paiz e estrangeiro

Descontos e transferencias

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

N.º 7 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 23-6-92

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUM

Quando a vitima foi içada para bordo, os aplausos trovejaram de toda a parte. «Donde lhe veiu a idéa de a procurar tão longe?» — preguntaram-lhe.

Ele respondeu:

— Eu conheço o fundo. Sei que há aqui uma corrente.

Um senhor abre passagem até á amurada, mortalmente palido, lagrimas nos olhos. Com um sorriso dificil, ele grita-lhe, inclinando-se:

— Suba um momento. Eu desejava agradecer-lhe. Nós ficar-lhe-emos eternamente reconhecidos. Só um minutinho.

E, precipitadamente, afasta-se de novo da amurada. Johannes obedeceu, afastando-se a gente que o contemplava, para o deixar passar.

Pouco demorou, dando o seu nome, a sua direcção. Uma mulher abraçara o mancebo, escorrendo agua. O senhor, palido e desvairado, metera-lhe na mão o seu relogio. Johannes entrou numa «cabine», onde dois homens tratavam de reanimar a afogada.

— Ela volta a si — disseram eles — o pulso começa a bater.

Ele encarou bem nela, estendida, ainda de vestidos curtos e estes rasgados nas costas. Depois alguem lhe poz um chapeu na cabeça, pedindo-lhe que saisse. Não sabia muito bem como desembarcara e impelira o seu bote para terra. Ouviu ainda soltar «vivas» e a musica tocar com brio quando o vapor se afastou numa nuvem de fumo. Uma estremeção de alegria voluptuosa percorreu-lhe todo o seu ser; sorria, movia os labios.

— Visto isto, hoje ficamos sem passeio — fez Ditlef, aborrecido.

Vitória estava presente, aproximando-se.

— Tu és louco — disse-lhe ela com vivacidade. — E' necessario que ele volte para casa mudar de roupa.

Ah! Que acontecimento, para os seus dezenove anos!

Johannes partiu a grandes passadas. Aos seus ouvidos resoava ainda o éco da musica e das aclamações entusiastas; uma forte emoção o obrigava a andar. Nem reparando na sua casa, tomou a caminho que, através do bosque, levava á pedreira. Apenas lá, procurou um cantinho inundado de sol. Um tenue vapor elevava-se do seu fato. Uma alegria irreprimivel obrigou a levantar-se, vagueando por aqui e por ali. Como ele trasbordava de felicidade! Todo o seu ser exultava de reconhecimento, caindo de joelhos, quasi em extase. Ela estivera presente, ouvira os «vivas».

— Vá depressa mudar a roupa—dissera ela.

Sentou-se e riu uma e outra vez, deslumbrado pela sua gloria. Sim, ela vira-o, desembaraçadamente, praticar um acto de heroismo, contemplara-o, embevecida, quando reapareceu com a afogada nos dentes. Vitória, Vitória! Se ela soubesse como ele lhe pertencia, indizivelmente, em todos os momentos da sua vida. Como ele gostaria ser o seu servo, o seu escravo, varrer-lhe o caminho com o seu proprio corpo, beijar-lhe os seus sapatinhos. Ele desejaria trazê-la sempre nos seus braços vigorosos, pôr-lhe a lenha no fogão nos dias frios do inverno!

Virou a cabeça e não viu ninguem. Estava só. Caminhava, com o precioso relogio na mão que fazia tic-tac. Obrigado! Oh! obrigado por este gratissimo dia. Acariciou com a mão alguns ramos pendentes e até o musgo das pedras. Vitória não lhe sorrira—compreende-se: não era o seu costume. Ela conservava-se proxima, de pé, no cáis — e isto era bastante. So uma ligeira vermelhidão lhe avivava as faces. Aceitaria ela o seu relogio, se lho tivesse oferecido?

O sol declinava, o calor apertava menos. Sentiu então que estava molhado. A passos ligeiros, dirigiu-se para casa.

No castelo havia festa. Tinham vindo da cidade muitos convidados; uma festa de verão com dansas e «flonflons» de orquestra. A bandeira, no alto da tôrre redonda, flutuou dia e noite, durante uma semana. Era a época da fenação, mas, os cavalidos retidos por convivas tão alegres, o feno já cortado teve que esperar. Grandes extensões de prados não foram ceifados ainda; os trabalhadores, tendo sido empregados como cocheiros e remadores, não podiam cortar a erva, que continuava de pé e a secar.

A musica, porêm, é que não parava nunca, na sala amarela...

O velho moleiro poz o moinho em repouso e fechou a porta da sua casa, nestes dias. As noites eram claras e quentes, podendo os caprichos dos jovens ser numerosos e impertinentes. Tinha sofrido outrora tantos prejuizos, quando os rapazes da cidade vinham em bando fazer tropelias com os seus sacos de trigo.

(Continua)

NO ESTRANGEIRO

UM EXEMPLO PARA O MUNDO

As grandes reformas sociais na Bulgaria operar-se-hão por via parlamentar

O que disse o sr. Alexandre Stambolisky

O partido agrario é legal e tem maioria absoluta no Parlamento

Alexandre Stambolisky é hoje a personalidade mais importante da Bulgaria e se considerarmos bem as suas palavras, que o definem, conviremos que é o homem que melhor compreendeu a solução do problema social.

Os adversarios odeiam-no, mas os que seguem as suas ideias comparam-no a Jesus Cristo.

E' a expressão mais alta de consideração que se pode ter por um chefe de pensamento.

Filho de camponeses, a madrasta obrigava-o a guardar rebanhos aos montes, o que apenas lhe deixava o tempo absolutamente necessario para ir á escola.

Aos vinte anos casou com uma rapariga rica, o que lhe permitiu ir á Alemanha terminar os estudos. De volta á Bulgaria organizou o partido agrário, chegando a deputado aos trinta anos e sendo dos que mais se opuzeram á entrada da Bulgaria na guerra ao lado dos imperios centrais.

Disse a Fernando I que este apostava a cabeça, nessa decisão, ao que o rei respondeu: «A minha cabeça já está velha; tenha o senhor cuidado com a sua».

Preso tempos depois, ficou na prisão durante tres anos. Quando a guerra estava perdida, Fernando I mandou-o soltar e disse-lhe: «Perdôo-lhe, senhor Stambolisky», ao que ele respondeu: «Eu é que nunca lhe perdoarei o ter arrastado a Bulgaria a um desastre», e foi pôr-se á frente dos soldadas revoltados.

Depois da adbicação de Fernando, foi ministro do Trabalho e finalmente presidente do conselho, podendo-se considerar hoje o ditador omnipotente da «Bulgaria Verde».

O partido agrário é um partido parlamentar e legal, tendo uma maioria absoluta no Parlamento, apesar do sistema eleitoral ter sido o proporcional. Se se tivesse usado o sistema mainitario teria uma representação de 90 por 100.

Stambolisky repele a formação de um governo de concentração porque as reformas que se propõe realizar só podem ser efectivadas sor um governo homogeneo.

Entre o perigo bolchevista e a Bulgaria é preciso colocar um abismo; o perigo bolchevista consiste na força das suas idéas e não na força material. Por consequencia a luta contra ele não se faz com armas, mas com reformas.

Estas reformas é que entram no nosso programa; na Bulgaria o parlamento fará legalmente o que noutras nações se faz pela revolução e pelo sangue.

Os latifundios e a acumulação de capitais em poucas mãos fomentam o bolchevismo; por isso a cada familia será atribuida a propriedade maxima de 30 hectares e todos os bulgaros possuirão um torrão de terra para que a palavra Patria tenha um sentido real e não uma significação vaga. Os camponeses terão terras e os citadinos terão casas.

Estabelecer-se-ha o trabalho obrigatorio e por ela se constituirão casas para os pobres.

Os capitais serão retirados á especulação e empregados na produção, o que trará á Bulgaria aqueles que estão espalhados no estrangeiro.

Tais são as intenções de Stambolisky.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

DE LONDRES

A CONFERENCIA DOS PRIMEIROS MINISTROS

Meighen, representante do Canadá, responde a Lloyd George

"Os paises que compõem o Imperio britanico estão unidos pela Historia"

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

LONDRES, 23.—Na reunião dos delegados do Imperio, replicando ao discurso de abertura de Lloyd George, Meighen, primeiro ministro do Canadá, disse que pensava que nenhum delegado tinha qualquer ideia de introduzir mudanças revolucionarias nas relações constitucionais do Imperio. Os paises que compõem o Imperio britanico estão unidos pela historia, pela mutua confiança e por um desejo de perseverar um forte entendimento para o seu desenvolvimento futuro. O sr. Hughes, primeiro ministro da Australia, disse que este país veria com satisfação qualquer tratado feito com o Japão, mas que especificasse claramente que não poderia haver possibilidade de guerra com os Estados Unidos, e nem sequer deixasse que se levantassem suspeições de hostilidade ou de inimisade para com a grande nação americana. Sob este ponto de vista, a Australia era partidaria do renovamento da aliança com o Japão. O ministro lembrou tambem a conveniencia de a Inglaterra, a America, o Japão e a França se reunirem numa conferencia para tratarem do desarmamento. O sr. Massey declarou que a Nova Zelandia contribuiria para as despesas da frota inglesa. O delegado da India disse que as reformas agora feitas tinham dado grande satisfação aos seus compatriotas.—(U. P.)

O PARLAMENTO DA IRLANDA DO NORTE

LONDRES, 23—O rei, acompanhado da rainha, inaugurou o parlamento da Irlanda do norte, entre extraordinarias manifestações de lealdade. O rei apelou para que todos os irlandeses, esquecidos agravos, se reconciliassem e inaugurassem uma nova era de paz de bemestar e de benevolencia.—(U. P.)

O PRINCIPE DE GALES VISITARÁ A INDIA

LONDRES, 23—O principe de Gales projecta visitar a India em Novembro.—(U. P.)

DOS ESTADOS UNIDOS

O DISCURSO DE LLOYD GEORGE

NEW-YORK, 23—O discurso de Lloyd George na reunião do Conselho Imperial produziu uma esplendida impressão na America.—(U. P.)

DESAPARECIMENTO DE TRES VAPORES

NEW-YORK, 23—Desapareceram três vapores americanos e afundou-se uma escuna sem nenhum tripulante a bordo. Estes casos têm dado lugar a vivos comentarios.—(U. P.)

DO JAPÃO

A QUESTAO DA ILHA DE YAP

TOKIO, 23—Os jornais japoneses foram proibidos de publicar quaisquer artigos acérca da questão da ilha de Yap, emquanto as negociações não estiverem concluidas.—(U. P.)

DE BERLIM

CONFLITOS ENTRE A POLICIA E OPERARIOS

A policia invade o Congresso dos Conselhos das Fabricas e agride o presidente dos socialistas, Sabath

BERLIM, 23.—Temem-se novos conflitos operarios nesta cidade. Os animos ficaram muito excitados depois da manifestação feita em frente do domicilio dos sindicatos operarios de Berlim, em que estava reunido o congresso dos conselhos das fabricas e em que 50:000 operarios sem trabalho invadiram o edificio, tendo agredido violentamente o presidente dos socialistas majoritarios, Sabath, individuo muito conhecido nos meios sindicalistas operarios.

Houve recontros entre a policia e os operarios, mas sem grandes consequencias.—(R.)

AS RELAÇÕES ANGLO-FRANCESAS E A RUSSIA

BERLIM, 23.—O governo inglês respondeu á nota francesa ácêrca das reivindicações da França contra a Russia dos «soviets», que a Inglaterra reconhecia os direitos da França, e que os apoiaria no caso de se estabelecer um entendimento geral entre a Russia e as potencias centrais.—(R.)

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da
CAPITAL 100:000$00
SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA
SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º
Secção de Livraria — Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do país. Representante dos principais editores europeus e americanos. = ***Secção de Publicações*** — Proprietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda a qualidade jornais de e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = ***Secção de Telegrafia*** — Proprietaria das Agencias Telegraficas, RADIO e UNITED PRESS.=***Secção de Publicidade***—Anuncios, eclames e propaganda artistica nos jornais portugueses e estrangeiros. = ***Secção Comercial***—Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto—Ampolas para laboratorios, importação e exportação.

A POLITICA BRITANICA

As negociações entre a França e a Inglaterra para uma acção comum no Oriente

Consequencias do discurso de Churchill

A Inglaterra pensa em servir-se dos arabes contra os turcos?

Actualmente o assunto mais em fóco da politica inglesa é o que diz respeito á questão do Oriente nas suas diversas relações com os turcos, com os arabes, na Palestina e na Mesopotamia.

E' notorio que entre a França e a Inglaterra há grandes divergencias quanto á forma como entendem resolver esta questão.

A este respeito disse há dias o «Daily Telegraph»:

«Entre os governos francês e britanico há troca de impressões a fim de se determinar uma atitude comum diante do perigo oriental tal como aparece na sua fase mais recente. Neste intuito, um dos oficiais em quem lord Curzon deposita mais confiança—é uma das nossas maiores autoridades na questão do Oriente—foi a Paris a fim de submeter ao Quai d'Orsay as vistas e propostas do governo britanico... Há uma parte do Quai d'Orsay muito favoravelmente disposta para uma acção interaliada na Turquia e que deseja-o vivamente, mesmo á custa de concessões.»

Com efeito, a acção inter-aliada esforçando-se por estabelecer a paz no Oriente é um desejo de todos os aliados, mas de muito dificil realização, porque acontece que os interesses e as vistas da Inglaterra são diferentes, senão opostas ás dos outros aliados, não tendo ainda em vista as dificuldades que surgiram mesmo quando se chegasse a uma plataforma para uma acção comum.

A maior destas dificuldades consiste no objecto mesmo da guerra grecoturca; a presença dos gregos em Esmirna e Constantinopla é inconciliavel com a independencia dos turcos.

O discurso de Churchill de há dias, lança uma grande luz sobre a questão e soube encontrar razões que levariam a França a colaborar com a Inglaterra.

Mas alem dessas razões Churchill expoz qual o plano que a Inglaterra seguiria na politica do oriente e acontece que essa politica é oposta ás aspirações e aos desejos da França.

A Inglaterra pensa em favorecer os arabes, talvez para se servir depois deles como força contra a Turquia, sem se lembrar que rarissimas vezes os musulmanos faltam ao preceito do Alcorão que lhes proibe lutarem uns contra os outros.

Precisando, porem, em que desagrada esta politica á França, vemos que á Inglaterra deseja colocar á frente da Mesopotamia, o emir Faiçal, grande inimigo da França que organizou um exercito contra esta quando reinava em Damasco, e na Transjordania, proximo da Siria francesa, o irmão mais velho de Faiçal.

Há meses que estas eram as intenções em Londres e que a França protestava.

UMA ENTREVISTA DE ACTUALIDADE

As impressões do almirante sr. Leote do Rego sobre o actual momento politico

(Continuação da 2.ª pagina)

—E se eu lhe assegurar que Guillaine nem lhe falou?

—Respeitamos a sua opinião, sr. almirante; nada mais.

Lembrámos-nos então que o sr. Leote do Rego, deveria saber noticias ácerca do emprestimo dos 50 milhões de dolares, negociado em Paris, pelo sr. Afonso Costa. Interrogámo-lo a esse respeito.

Respondeu-nos:

—O emprestimo está feito, e até me admira que o governo não torne essa noticia publica.

—E sempre foi o sr. dr. Afonso Costa, quem o realisou?

—Foi. Esse homem tem sido incansável.

—Esse elogio é apreciavel na boca de alguem, que se zangou com o ex-chefe do partido democratico.

O sr. Leote do Rego, sorridente:

—Isso já lá vai. Fizémos as pazes em Lisboa, sobre o tumulo dos soldados desconhecidos.

Regosijámos. Positivamente: o sr. Leote do Rego estava em maré de confidencia. Teve ainda esta:

—Eu tenho trabalhado lá fóra pelo bom nome de Portugal, sem pedir nada. Duma vez tive em Madrid, uma conversa com Afonso XIII. E' um rei inteligentissimo, fique sabendo. Mandei um «rapport» dessa conversa, para o ministerio dos Negocios Estrangeiros. Sabe o que me aconteceu?

—Foi parar a Marrocos.

—Não, meu amigo. Perdeu-se!

Esta revelação sugeriu-nos uma ideia, que insinuámos:

—Mas porque é que V. Ex.ª não aceita um lugar numa legação? Porque emfim a Republica, diplomaticamente já lhe deve alguma coisa...

—Mas quem me dá esse lugar? quem? E resignadamente:

—Eu como deputado, estava afastado da Armada. Agora, porém, se não fôr eleito, tenho que voltar para lá, mas não sei o lugar que me darão...

—Porquê?

—Os lugares desempenhados pelos almirantes, estão ocupados. Resta-me sómente, ir para junto da Majoria, onde costumam ficar os oficiais suspeitos á Republica.

—Não será tanto assim, contestámos consoladores.

—Isto de politicos, são como as mulheres. Admiram-nos, festejam-nos, e depois...

E o sr. Leote do Rego, sem concluir a frase, ergueu-se, tomou a sua pasta, empossou-se do seu chapeu, da sua bengala e das suas luvas, e despediu-se, acendendo antes um cigarro, um daqueles magnificos cigarros ingleses, que constituiram o nosso enlevo, durante aquela meia hora de conversa.

Artur Portela

TEATRO DE S. CARLOS

COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

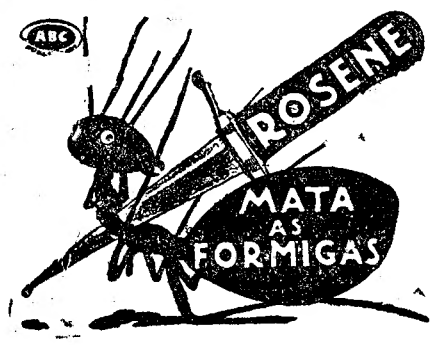
Sabado, 25 — A's 9 e 1/4

Marianela

Protagonista:

AMELIA REY COLAÇO

Bilhetes á venda



DEPOSITARIO

Sociedade de Produtos Farmaceuticos Ld.

Rua de Santa Marta, 53

Ultimas Noticias

ALÉM-MAR

Reclamam-se de Cabo Verde medidas energicas para acudir á situação dos famintos

De Cabo Verde insistem com o sr. ministro das colonias para que sejam postas em pratica medidas urgentes tendentes a acudir de pronto aos famintos de Cabo Verde.

O sr. Celestino de Almeida está empregando todos os esforços para que a situação em Cabo Verde se modifique.

Nas colonias há falta de funcionarios habilitados e competentes

Em vista de muitos funcionarios terem pedido licença ilimitada, a fim de se empregarem no comercio e companhias, onde auferem melhores proventos, as nossas colonias estão lutando com a falta de pessoal habilitado e competente para o serviço.

Caminho de ferro de Benguela

Foram aprovadas as novas tarifas do caminho de ferro de Benguela.

Exoneração dum medico de Cabo Verde

Foi exonerado de medico do quadro de facultativos de Cabo Verde o sr. dr. Oliveira Teixeira.

O sr. ministro do Interior

visita o quartel do Carmo

O sr. ministro do interior foi hoje, pelas 14 horas, ao quartel general do Carmo, a fim de retribuir á oficialidade da guarda republicana os cumprimentos que lhe dirigiu por ocasião da sua posse. O sr. Abel Hipolito foi recebido pelo genral comandante da guarda, sr. Bernardo de Faria, que em breves palavras lhe apresentou a oficialidade do seu comando.

Em seguida, o sr. ministro do interior usou da palavra, declarando que ao seio do governo chegam por vezes boatos alarmantes de alteração da ordem publica, mas que ele, ministro, como chefe supremo da corporação, não deseja acreditar que haja alguem que tente perturbar o paiz, neste momento de finalidade historica — ou seja de crise nacional.

A divida da Grecia á Inglaterra

22 milhões de libras sem esperança de voltarem ao seu antigo dono.

LONDRES, 23

A Grecia custou á Inglaterra mais de 22 milhões de libras esterlinas, das quais nem os juros pagou. Quando estes forem vencidos, juntar-se-hão ao capital. Na Inglaterra perdeu-se toda a esperança de receber esta divida, ainda mesmo parcialmente.—(R.)

NO CAUCASO

Um movimento contra o governo dos "soviets"?

BERLIM, 23.

Anunciam de Constantinopla que há um movimento insurreccional contra o governo dos «soviets» na região de Don e do Caucaso, tomando diariamente grandes proporções. — (R.).

Espectaculos

NACIONAL—A's 21,15—«O Cardeal».
POLITEAMA—A's 21,30—«Miss Diabo».
GIMNASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
AVENIDA—A's 21,30—«O coração manda».
APOLO—A's 21,30—«Porto tantos de tal».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O «film» «Barrabás».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
CHIADO TERRASSE—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

Por terras de Espanha

A comissão do monumento a Afonso XII

MADRID, 23.

Foi assinada uma resolução nomeando o marquês das Minas para substituir o general Primo de Rivera na presidencia da comissão do monumento de Afonso XII.

O projecto dos transportes

No congresso continuou o debate sobre o projecto dos transportes. Maura discursou criticando os projectos de La Cierva e declarando de necessidade e de urgencia resolver estes problemas.

O desastre de Vila Verde

O Senado resolveu contribuir com a subscrição feita para a familia do maquinista morto no incidente ferroviario de Vila Verde.

Desordem numa romaria

Numa romaria em Monforte houve uma rixa entre dois grupos de rapazes, havendo mortes e feridos.

O crime do Retiro

O enterro do tenente-coronel Castro Girona foi concorridissimo, sendo a cerimonia dirigida por um seu irmão, coronel de infantaria.

Conferencia sobre a America

A Sociedade Colombina convidou Franco Rodriguez a fazer uma conferencia ácerca das viagens á America.

Ministro da guerra

Amanhã partirá para Barcelona o ministro da guerra.

Afundamento dum vapor francês

A cinco milhas da costa sossobrou em Corunha, por causa do nevoeiro, o vapor francês «Nouveau Conseil», tendo-se salvo a tripulação.

Um abalroamento em Cambes

Proximo de Cambes, o vapor «Cabo Tege» abalroou com o navio de pesca «Perin», que ficou avariadissimo.

Tres prisões em Badalona

Em Badalona foram presos três individuos do sindicato livre, que se dispunham a cometer um atentado.

O atentado contra o governador

O governador de Barcelona continua a melhorar muitissimo das lesões que sofreu no atentado contra ele cometido. — (R.).

A GUERRA NO ORIENTE

Caminhar-se-há para uma paz?

ATENAS, 23

O correspondente do «Daily Mail» assegura que o governo grego considera que a operação militar constitui o unico meio de restabelecer a paz no Oriente. Se a acção militar fôr adiada causarão um atrazo na pacificação; por conseguinte o governo grego está decidido a regeitar qualquer proposta que tenha por fim adiar a acção militar.—(R.)

A viagem do rei de Espanha

LONDRES, 23.

O rei de Espanha tomou parte num «match» de polo e assistiu ao banquete da Associação Ibero-Americana, pronunciando um discurso, que foi aclamadissimo. — (R.).

Bolsa de Lisboa

Dia 23

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	44. 0/0
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0/0 1905	—
4 0/0 1888	19.10
4 0/0 1890 coup.	—
4 1/2 1888/89 ass.	55.
4 1/2 1889 coup.	55.
5 0/0 1909 coup.	—
4 1/2 1912 ouro	—
5 0/0 1917	—
3 0/0 externas 1.ª série	145.50
3 0/0 » 2.ª »	—
3 0/0 » 3.ª »	141.
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	144.60
(cop.)	146.
» Comercial de Lisboa	—
» Economia Portuguesa	94.50
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	236.
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	409.
» Minho	—
» Português e Brasileiro	—
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	120.50
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	—
Portugal e Colonial	109.
Cabinda	—
Buzi	—
Ilha do Principe	—
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	75.50
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	141.
Benguela, titulo 5	
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	57.

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	29$00	33$00
s/Londres cheque	8 1/2	8 1/4
» 90 d. v.	8 5/8	—
Rio s/Londres	7	—
s/ Paris	605	620
s/ Italia	370	380
s/ Belgica	600	618
s/ Suissa	1270	1305
s/ Espanha	1000	1030
s/ Berlim	105	111
s/ Holanda	2496	2570
s/ Nova York	7536	7765
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	6 0/0	—
» » » » Portugal	7 1/2 0/0	—
Agio do ouro	500	650

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s/Paris	59,60
» s/Londres	28,19
» s/New-York	—
» s/Berlim	10,65
Paris s/Londres	46,885
» s/Madrid	166,50
» s/Genebra	211,00
» s/Berlim	17,75
Londres s/Paris	46,895
» s/Roma	75,375
» s/New-York	3,7475
» s/Berlim	24[illegible]
» Amsterdam	11,30
» s/Genebra	22,215